

DESEMPACOTANDO SUA BIBLIOTECA

OS LIVROS DE CINEMA DE LEILA BEATRIZ RIBEIRO (OU, ANTES DO SUAVE TÉDIO DA ORDEM)

Wilson Oliveira Filho

Márcia Cristina da Silva Sousa (Márcia Bessa)

RESUMO

Ensaio que apresenta o processo mnemônico que se instala ao herdar uma coleção. Uma coleção muito particular de livros de cinema da professora do PPGMS da UNIRIO, Leila Beatriz Ribeiro que nos deixou em 2021. A partir da leitura de Walter Benjamin, em particular de seu texto “Desempacotando minha biblioteca”, os autores, que foram ambos orientandos de Leila, traçam os pormenores do ato de transferir e cuidar de uma coleção. Os livros sobre cinema de Leila Ribeiro incorporados à coleção de livros dos autores demandavam um artigo em forma de homenagem à brilhante professora e amiga.

PALAVRAS-CHAVE: Coleção; Livros; Memória; Cinema.

ABSTRACT

Essay that presents the mnemonic process that takes place when inheriting a collection. A very particular collection of cinema books belonging to Professor Leila Beatriz Ribeiro, from the PPGMS at UNIRIO, who passed away in 2021. Drawing on Walter Benjamin's reading in special his text “*Unpacking My Library*”, the authors—both of whom were Leila's advisees—trace the nuances of the act of transferring and caring for a collection. Leila Ribeiro's cinema books, now part of the authors' personal library, called for an article as a tribute to the brilliant professor and friend.

KEYWORDS: Collection; Books; Memory. Movies.

"Tudo se passa como se não houvesse outra finalidade do que acumular os objetos para expor ao olhar. Ainda que não tenham qualquer utilidade e nem sequer sirvam para decorar os interiores onde são expostos, as peças de colecção ou de museu são, todavia, rodeadas de cuidados"

(Krzysztof Pomian)

PREÂMBULO DO DESEMPACOTAR

“Sim, estou!” Walter Benjamin começa assim seu ensaio “Desempacotando minha biblioteca: Um discurso sobre o colecionador”. Em forma de homenagem começamos o nosso, ao tirarmos finalmente os lacres e a abrir timidamente as caixas

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

que Leila Beatriz Ribeiro nos legou com seus livros sobre cinema. Sim, estamos desempacotando sua biblioteca! As obras ainda não seguem o *suave tédio da ordem* que nos fala Benjamin, mas o caos e a paixão dos colecionadores. O colecionismo, tema que Leila desenvolveu em suas pesquisas, e que, de certa forma, se tornou nosso, é o que dá liga a esse ensaio em forma de homenagem. Os livros herdados estão por aqui *rodeados de cuidados*.

Ao afirmar que o estudante coleciona saber em uma de suas passagens, o teórico alemão também nos ilumina ao abrimos, caixa por caixa, a coleção de Leila Ribeiro. Ele assim nos ensinava sobre a imagem do pensamento. Ela assim nos ensinava a seguirmos estudantes. Colecionamos com os livros, citações, teorias, poemas, diálogos de filmes, orelhas, destaques de canetas marca texto, lombadas, lambidas, letras, letras e mais letras. Fontes de saberes e sabores inesgotáveis, os livros de qualquer coleção nos inspiram. Livros de uma coleção tão particular nos inspiram ainda mais.

Como quem faz cinema se inspira na palavra, achamos Leila e, unidos pelo cinema como tema, pesquisamos e nos debruçamos nos livros sobre a sétima arte. Livros da arte que nos levou a ela e que evocam memórias a cada título. Como se o objeto começasse a falar por si só. Sim, livros falam! “Cinema, arte da memória”. “A experiência do cinema”. “O discurso cinematográfico”. “Filme: uma teoria expandida do cinema”. “Cinema e educação”. “O sentido do filme”. Roteiros, manuais, revistas... Catálogos do “Festival de Cinema do Rio de Janeiro”, do “É tudo verdade” ...

OS (DES)CAMINHOS DE UMA COLEÇÃO AO CHEGAR

Chegamos aos escritos de Leila sobre coleção e cinema no fim de 2008. Com o ingresso de nós dois no PPGMS, primeiro Márcia depois Wilson, entramos na vida de nossa futura orientadora em comum. Nós já estávamos um na vida do outro desde 2006. Nos casamos um ano depois e iniciamos uma busca conjunta pelo doutorado. Leila aceitou nos orientar. Desorientar como brincávamos com ela. Em sua casa para uma comemoração de aniversário em 2009, tivemos pela primeira vez contato com sua coleção de livros espalhada por três cômodos do apartamento em Santa Teresa. Na sala em que ela nos guiava ficava, em duas ou três estantes, sua coleção de livros

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

de cinema. Uma pequena parte desta era da cômoda em seu quarto. Em um cômodo no fundo ficavam os demais volumes de sua grande coleção e os restantes de Cinema. Jamais poderíamos pensar que esses livros estariam hoje conosco sendo desempacotados aos poucos e em fases.

Os livros chegaram por intermédio de Tamas e Tiana¹, filhos de Leila. Chegaram em caixas de vinho, na sua maioria, que abrigavam os livros que, por intermédio de um amigo motorista de táxi, pousaram em nossa residência. Inicialmente as vinte caixas ficaram do lado de fora do apartamento, pois em meio a pandemia precisávamos higienizar tudo que recebíamos. Com os livros achamos essa a melhor estratégia também. Enquanto isso pensávamos onde guardá-los. Estávamos há anos planejando uma mudança de lar, assim talvez fosse melhor deixá-los nas caixas até mudarmos. Lá eles ficaram até perto da mudança para um apartamento novo.

De vez em quando, com os livros já dentro de nosso apartamento acondicionados em uma pequena varanda, Wilson tentava abrir uma ou outra caixa, com a curiosidade de um despretensioso colecionador. Por curiosidade, entendemos os “achados da rica história da visão, da audição e do uso combinado dos meios técnicos: coisas em que algo centelha ou brilha” (Zielinski, 2006, p.53). As capas de livro pelas frestas das caixas e lonas em que estavam acondicionados pela incidência da luz ganhavam uma bioluminescência poética, brilhando para dentro de nosso apartamento. Nesse sentido, eles incorporavam a tensão entre o interno e o externo que Benjamin tão bem observava “... o *intérieur* projeta-se para o lado de fora [...] minha casa, não importa onde lhe seja feito um corte, é sempre uma fachada” (Benjamin, 2006, p.450). As passagens enigmáticas de Walter Benjamin apresentam a relação entre exterior e interior através de “um espaço ambíguo e contraditório que permite uma interpenetração – não somente para espaços, mas para maneiras de habitar e usar o espaço (Gunning, 2025, p.176). Habitar e saber usar o espaço das coleções parece ser a vocação de quem herda objetos em uma visada benjaminiana.

¹ A quem agradecemos sempre e sem os quais essa nova coleção não existiria.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Os quase 800 livros passaram a habitar nosso espaço. Uma coleção é um *ethos*, morada, ambiente e hábito.

Em dezembro de 2024, preparando a mudança, começamos a abrir de fato as caixas invadindo o espaço dos livros para passá-los para novas e maiores. Isso nos parecia mais apropriado devido ao fato de elas terem ficado na varanda protegidas da chuva cobertas por mais tempo que imaginávamos. Após a pandemia, a dificuldade de encontrar um novo lugar. Depois de achado, a burocracia cartorial e a morosidade das imobiliárias nos impediam de desempacotar a biblioteca Leila Ribeiro de Cinema que se encontra quase pronta no nosso novo endereço. Se a Tijuca não abriga mais nenhuma sala de cinema de rua², ela abriga agora uma ótima coleção de livros de cinema. Uma coleção viva³, em tempo real, “*mnemosyne do mnemocine*”.

Imagem 1: As caixas da coleção



Fonte: os autores

² Tema da tese de Bessa, Márcia, Entre achados e perdidos: Colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro” (2009-2013). Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGMS/UNIRIO, 2013.

³ Tema da tese de Oliveira, Wilson. Memórias vivas/camadas híbridas: cinema, colecionismo e performance audiovisual em tempo real. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGMS/UNIRIO, 2014.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

A ARTE DOS COLECIONADORES

Benjamin parte da premissa de “dar uma ideia sobre o relacionamento de um colecionador e seus pertences, uma ideia sobre a arte de colecionar do que da coleção em si” (Benjamin, 1987, p.227). Sim, um relacionamento começou também com as caixas. Talvez por saudade e respeito àqueles livros e sua prima-dona eles deveriam ficar mesmo encaixotados. Uma certa coleção de Schroedinger que talvez poderia permitir a emergência de nova coleção: uma coleção de caixas de livros. Mas a arte de colecionar livros enquanto objetos ganhou a disputa e esses passaram a ser incorporados em nossa biblioteca. Em janeiro de 2025, já na casa nova, começamos o exercício de desempacotamento.

Devido a nossa atividade como professores e pesquisadores, há mais de 25 anos colecionamos livros relacionados ao cinema. Talvez tenhamos já ultrapassado dois mil volumes e incorporar livros herdados nos levou a uma análise inicial com possíveis títulos repetidos. Decidimos doar os repetidos que fossem da nossa parte de livros e manter os de Leila. Uma outra filtragem vinha de pedidos de títulos específicos. Alguns orientandos de Leila já haviam solicitado um ou outro exemplar. Para esses acabamos por doar os da própria Leila. Destacamos aqui o interesse de Joaquim Delphim que, orientado por Leila fez uma dissertação sobre as memórias dos trilhos ferroviários no cinema, gostaria de ficar com o livro “O cinema e a invenção da vida moderna”. Em um artigo dessa obra, Tom Gunning (2004) pensa a relação entre os detetives e a fotografia como elementos para compreender o cinema nos primórdios. Como detetives, vasculhamos a coleção herdada para compreender o melhor destino para certas obras. Em alguns casos renunciar a um outro livro era fazer jus não só a coleção, mas a Leila Ribeiro.

Leila era uma colecionadora autêntica no sentido benjaminiano que pensa que “a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem” (Benjamin, 1987, p.228). Nessa síntese, uma nova forma começa a se instituir na própria coleção, transcendendo sua “existência e ultrapassando simbolicamente as coisas materiais [...]”. Esses mesmos objetos, ao serem ressignificados pelos novos proprietários, passam a simbolizar o invisível e o compartilhamento de um passado identitário comum” (Ribeiro, 2006, p. 3). Entre o

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

caos e a ordem, o visível e o invisível, o simbólico e o material, uma coleção nasce e/ou renasce. A tensão dialética que nos fala Benjamin se materializa ao lembrarmos a autenticidade que Leila conferia aos livros. Para ela a importância do objeto (forma) não rivalizava com o texto (conteúdo), mas, sim, ampliava-o.

Imagem 2: A coleção em novo lugar



Fonte: os autores

CONSIDERAÇÕES: INVENTANDO O INVENTÁRIO OU COMO CATALOGAR COM O CORAÇÃO?

Agora, em frente da última caixa semi-esvaziada, há muito tempo já passou da meia-noite. Afloram em mim pensamentos diversos dos quais acabei de relatar. Não são pensamentos, são imagens, lembranças. Lembranças das cidades que achei tantas coisas. Riga, Nápoles, Munique (...) lembranças dos recintos onde esses livros ficavam da minha toca de estudante em Munique, do meu quarto em Berna, da solidão de Isetwald à margem do lago de Brienz, e por fim do meu quarto de criança, donde se originaram apenas quatro ou cinco dos muitos milhares de livros que começam a se empilhar a meu redor. Bem-aventurado o colecionador! Bem-aventurado o homem privado! (Benjamin, 1987, p.235).

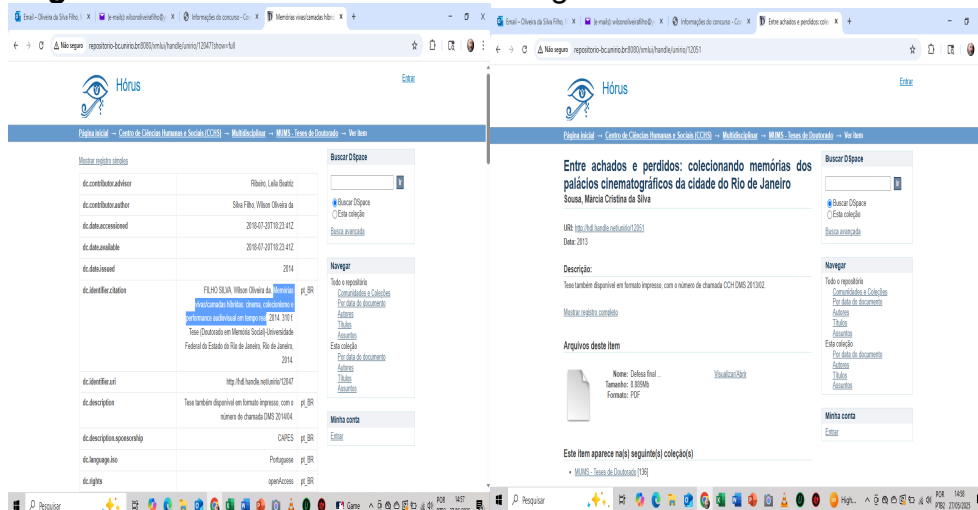
Walter Benjamin foi um dos mais importantes pensadores do século XX. Seus textos unem uma visão abrangente entre universal e particular. Em sua análise sobre o colecionismo, Benjamin nos deixou, além de um amplo repertório de frases e

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

imagens, um gesto afetoso sobre as coisas. Próximos aos textos sobre colecionismo, os escritos sobre a infância e a calorosa bem-aventurança nos ajudaram com a tarefa de cuidado com os objetos que nossa orientadora nos deixou. Ao inventariarmos nossa nova coleção somente a invenção de produzir um texto sobre ela poderia tornar esse processo mais com a cara de nossa professora. Se, como observa Jean Baudrillard, “um fenômeno que acompanha frequentemente a paixão do colecionador é a perda do sentido do tempo atual” (Baudrillard, 2002, p. 98), nossos novos livros passam por diferentes tempos.

1. O da aquisição por Leila que nos remete a diversas idas a livrarias, lançamentos, exposições, festivais, sites, cidades, congressos, que tivemos oportunidade em dividir alguns com ela.
2. O do convívio da coleção em sua casa em Santa Teresa durante nosso período de orientação e depois que nos rememora as prateleiras, estantes, cinzeiros e cigarros, almoços e cafés, fichas catalográficas⁴...
3. Das transições em nossas casas.
4. O tempo atual em seu sentido perdido *stricto sensu*.

Imagens 3 e 4: Prints das fichas catalográficas das teses dos autores



Fonte: Base de Dados Hórus- Unirio

⁴ Durante a elaboração dos dados para a ficha catalográfica, Wilson teve uma reunião de orientação que acabou se tornando uma aula de Biblioteconomia particular.

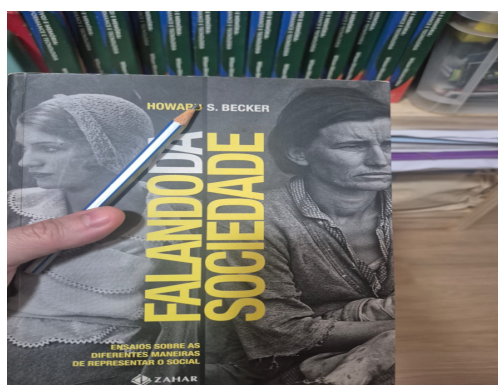
Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Estarmos diante da coleção agora quase ordenada, beirando o tal suave tédio que Benjamin falava ainda nos remete a abertura da última caixa. Da expectativa do que nela encontrar. Um livro ou memória de Leila, com Leila, para Leila. Uma dedicatória, um marcador de livro, uma referência para um novo aluno de doutorado que hoje orientamos. Uma outra indicação filmográfica. Uma foto. Uma série de citações. Enfim, a busca por mais uma lembrança. Outras memórias.

Como foi necessário catalogar com o coração, usar essa coleção a partir de agora é unir corações e mentes com sua doadora. Nessa união, nos parece que de fato, a coleção cumpre sua função. Ela emerge para novos trabalhos, para novas criações e para outros possíveis. Essa coleção que gerou através de dois autores uma homenagem à Leila Beatriz Ribeiro, além de infinitas saudades, agora é um artigo. Mas, é mais. É algo a ser desempacotado mais uma vez, agora pelos leitores que podem e devem descobrir uma nova coleção. A tarefa do leitor é tarefa de um desempacotador.

Um detalhe final ou um mimo da nova coleção. Ao desempacotar e olhar um livro que não é diretamente sobre cinema, algo cinematográfico ocorre. Um lápis de Leila Ribeiro em um livro de Howard Becker (imagem 5). O colecionador é também um cineasta falando da sociedade.

Imagem 5: Lápis no livro



Fonte: os autores

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. *In*: **Rua de Mão única**. Obras escolhidas Vol. 2. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987. p.227-235.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BESSA, Márcia. **Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro (2009-2013)**. 2013. Tese (Doutorado em Memória Social)– Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GUNNING, Tom. The exterior as intérieur: Benjamin's optical detective. *In*: MORGAN, Daniel (ed.). **The attractions of the moving image: essays on History, Theory and the avant-garde**. Chicago: The University of Chicago Press, 2025. p.175-192.

GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. *In*: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 33-65.

OLIVEIRA FILHO, Wilson. **Memórias vivas/camadas híbridas: cinema, colecionismo e performance audiovisual em tempo real**. 2014. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Uma vida iluminada: coleções e imagens narrativas. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12., 2006, Niterói. **Anais Digitais [...]** Niterói: UFF, 2006. p. 1-10.

BRAYNER, A. R. A.; MEDEIROS, C. B. Incorporação do tempo em SGBD orientado a objetos. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE BANCO DE DADOS, 9., 1994, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 1994. p. 16-29.

ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas de ver e ouvir**. São Paulo: Annablume, 2006.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

SOBRE OS AUTORES

Wilson Oliveira Filho

Graduado em Comunicação Social – habilitação Jornalismo (Unesa), com pós-graduação lato sensu em Filosofia Contemporânea (PUC-Rio). Mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ) e Doutor em Memória Social (UNIRIO), sob orientação de Leila Beatriz Ribeiro, com período sanduíche na Universidade de Chicago (com co-orientação de Tom Gunning) e pesquisa sobre o cinema ao vivo. Professor e pesquisador da Universidade Estácio de Sá desde 2005 e docente permanente do PPGCINE/UFF.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3152-1733>

E-mail: wilsonoliveirafilho@yahoo.com.br

Márcia Cristina da Silva Sousa

Conhecida profissionalmente como MÁRCIA BESSA. Possui doutorado em Memória Social (PPGMS/UNIRIO), mestrado em Ciência da Arte (IACS/UFF), bacharelado em Comunicação Social - Habilitação Cinema e Vídeo (IACS/UFF) - e licenciatura em Artes Visuais (FAMOSP). Desenvolveu estágio de doutorado no Department of Cinema Media Studies da University of Chicago sob a orientação do PhD. Tom Gunning. Atualmente é produtora e artista A/v no Coletivo DUO2X4 e docente convidada no Programa de Pós-Graduação de Direção em TV para teledramaturgia da Faculdade CAL de Artes Cênicas (Pós-CAL).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7648-5364>

E-mail: marciabessa@bol.com.br